

Semiárido invisível? uma análise crítica da representação territorial nos livros didáticos de Geografia do 7º ano

Leonardo da Silva Santos¹ - Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-9951-5041>

Patrícia Barros Pinheiro² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1717-8126>

Fredson Pereira da Silva³ - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1363-948X>

Vinicius Silva Santos⁴ - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3659-9479>

¹ Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, BA, Brasil*

² Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, BA, Brasil**

³ Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil***

⁴ Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, BA, Brasil****

Artigo recebido em 18/02/2026 e aceito em 03/04/2026

RESUMO

Este artigo analisa criticamente a representação do Semiárido nos livros didáticos de Geografia do 7º ano das coleções FTD e IBEP (PNLD 2024–2027), utilizados em escolas públicas de Petrolândia (PE), localizada na às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada. Partindo da compreensão de que o ensino de Geografia deve articular conhecimento científico e território vivido, o estudo problematiza a forma como o Semiárido é apresentado nos materiais didáticos, frequentemente marcado por estereótipos de seca, pobreza e homogeneidade. A pesquisa fundamenta-se na educação contextualizada para a convivência com o Semiárido brasileiro, nas teorias do território e em estudos sobre livro didático. A metodologia utilizada foi a de abordagem qualitativa e caráter documental, incluiu análise de conteúdo do livro, categorizada em três eixos: representação do Semiárido, territorialidades das Regiões Geográficas de Serra Talhada (PE) e potencial para práticas contextualizadas. Os resultados indicam que, embora os livros contemplem elementos gerais sobre o Semiárido e a Caatinga, ainda apresentam lacunas significativas em relação às especificidades socioambientais locais, como o reassentamento provocado pela Hidrelétrica de Itaparica, a agricultura irrigada, as dinâmicas ribeirinhas e os modos

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos – PPGESA, pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e contemporaneidade – FORPEC. leonardo.ibo13@gmail.com

** Doutora em Oceanografia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e contemporaneidade – FORPEC. Professora na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. ppinheiro@uneb.br

*** Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Grupo de pesquisas em Geografia de Paisagens Tropicais – PAISAGEO. Professor na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. fredson.silva@ufpe.br

**** Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Membro do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e contemporaneidade – FORPEC. Professora na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. vssantos@uneb.br



de vida das comunidades tradicionais. Conclui-se que a ausência de contextualização territorial limita o potencial formativo do material e reforça a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem o território, a cultura e as experiências dos estudantes do Sertão de pernambucano.

Palavras-chave: educação contextualizada; territorialidades; livro didático; representações socioespaciais.

An invisible Semi-arid region? a critical analysis of territorial representation in 7th grade geography textbooks

ABSTRACT

This article critically analyzes the representation of the Brazilian semi-arid region in 7th-grade Geography textbooks from the FTD and IBEP collections (PNLD 2024–2027), used in public schools in Petrolândia, located within the Intermediate and Immediate Geographic Regions of Serra Talhada. Based on the understanding that Geography teaching should articulate scientific knowledge with lived territory, the study problematizes how the semi-arid region is portrayed in teaching materials, often marked by stereotypes of drought, poverty, and homogeneity. The research is grounded in contextualized education for living with the Brazilian semi-arid region, in territorial theories, and in studies on textbooks. The methodology adopted is qualitative, with a documentary approach, including content analysis of the textbooks, categorized into three axes: representation of the semi-arid region, territorialities of the Geographic Regions of Serra Talhada, and potential for contextualized practices. The results indicate that, although the textbooks address general aspects of the semi-arid region and the Caatinga, they still present significant gaps regarding local socio-environmental specificities, such as the resettlement caused by the Itaparica Hydroelectric Plant, irrigated agriculture, riverine dynamics, and the ways of life of traditional communities. It is concluded that the lack of territorial contextualization limits the educational potential of the material and reinforces the need for pedagogical practices that value territory, culture, and the experiences of students from the hinterland of Pernambuco.

Keywords: contextualized education; territorialities; textbook; socio-spatial representations.

¿Una región Semiárida invisible? un análisis crítico de la representación territorial en los libros de texto de Geografía de 7.º grado

RÉSUMÉ

Este artículo analiza críticamente la representación del Semiárido brasileño en los libros de texto de Geografía de 7º grado de las colecciones FTD e IBEP (PNLD 2024–2027), utilizados en escuelas públicas de Petrolândia, ubicada en las Regiones Geográficas Intermedia e Inmediata de Serra Talhada. Partiendo de la comprensión de que la enseñanza de la Geografía debe articular el conocimiento científico con el territorio vivido, el estudio problematiza la forma en que el Semiárido es presentado en los materiales didácticos, frecuentemente marcado por estereotipos de sequía, pobreza y homogeneidad. La investigación se fundamenta en la educación contextualizada para la convivencia con el Semiárido brasileño, en las teorías del territorio y en estudios sobre libros de texto. La metodología adoptada es de enfoque cualitativo y carácter documental, incluyendo análisis de contenido de los libros, categorizado en tres ejes: representación del Semiárido, territorialidades de las Regiones Geográficas de Serra Talhada y potencial para prácticas contextualizadas. Los resultados indican que, aunque los libros abordan elementos generales sobre el Semiárido y la Caatinga, aún presentan vacíos significativos en relación con las especificidades socioambientales locales, como el reasentamiento provocado por la Central Hidroeléctrica de

Itaparica, la agricultura irrigada, las dinámicas ribereñas y los modos de vida de las comunidades tradicionales. Se concluye que la ausencia de contextualización territorial limita el potencial formativo del material y refuerza la necesidad de prácticas pedagógicas que valoren el territorio, la cultura y las experiencias de los estudiantes del sertón pernambucano.

Palabras clave: educación contextualizada; territorialidades; libro de texto; representaciones socioespaciales.

INTRODUÇÃO

A Geografia escolar, ao longo do tempo, tem a responsabilidade de unir o conhecimento científico com as experiências reais que os estudantes vivem nos seus territórios. No Brasil, que possui uma grande diversidade socioambiental, essa tarefa é ainda mais importante em regiões com características únicas, como o Semiárido nordestino. Esse é um espaço com uma identidade social, cultural e ambiental muito especial, onde diferentes formas de resistência, formas de vida, saberes tradicionais e maneiras de conviver com o clima seco foram criados e passados de geração em geração.

É importante analisar como os materiais didáticos, especialmente os livros de Geografia, tratam esse tema, já que eles são dispositivos importantes para organizar o ensino e para auxílio nas escolas públicas do Brasil. A escola tem um papel primordial para que os estudantes entendam de maneira crítica os processos que definem esse território, superando ideias erradas que ligam o Semiárido apenas à seca, à pobreza e à falta de recursos (Alves; Silva; Costa, 2022; Alves; Silva; Costa, 2023).

A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, descreve o Semiárido brasileiro como uma região socioambiental muito grande, que se destaca por ter uma área extensa e uma população significativa. Essa região abrange cerca de 1,1 milhão de quilômetros quadrados e compreende mais de 1.477 municípios espalhadas por nove estados do Nordeste e também Fragmentos do espaço geográfico do Norte de Minas Gerais (SUDENE, 2024).

A região tem mais de 31 milhões de pessoas, tornando-se o Semiárido mais populoso do mundo (IBGE, 2024). Do ponto de vista climático, o Semiárido é marcado por chuvas bem baixas, em média menos de 800 mm por ano, variações muito grandes na quantidade de chuva e repetição de períodos de seca longos, o que influencia diretamente o ambiente, a produção e o uso do solo (SUDENE, 2023). Porém, é importante entender que o Semiárido não pode ser visto apenas como uma área de escassez, já que abriga o bioma caatinga, único no mundo, além de ter diferentes formas de produção e tecnologias sociais que ajudam a viver com o clima semiárido, como cisternas, barragens subterrâneas e sistemas

produtivos adaptados, que são amplamente usados pelas organizações da sociedade civil (ASA Brasil, 2011).

Figura 1 - Municípios pertencentes ao Semiárido brasileiro segundo delimitação da SUDENE, 2021



Fonte: PAB Brasil, elaborado com base na SUDENE, 2021.

As Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada, localizada no sertão de Pernambuco, conforme a nova regionalização do IBGE (2017), é um exemplo significativo para essa reflexão. Essa região é composta por municípios profundamente afetados pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaparica, como Petrolândia (PE). Ela passou por grandes mudanças sociais e espaciais que alteraram a forma como as populações ribeirinhas, os agricultores familiares e as comunidades tradicionais vivem.

O reordenamento do território, o deslocamento forçado de milhares de famílias e as mudanças nas dinâmicas econômicas e culturais, são elementos importantes para compreender a territorialidade local. Porém, essas particularidades aparecem pouco ou de forma superficial nos livros didáticos que circulam no país. Estudos como os de Albuquerque Júnior (2011) e Moreira (2017) mostram que a maioria dos materiais didáticos tende a apresentar uma representação padronizada do Semiárido, escondendo as diferenças regionais e as experiências reais das pessoas que vivem nesses espaços.

No campo da educação voltada para a convivência com o Semiárido, autores como Paulo Freire (1970), Brandão (2002), Arroyo (2011) e D’Abadia (2014) têm destacado a importância de usar práticas de ensino que reconheçam os saberes da comunidade, valorizem a cultura dos agricultores e promovam uma análise crítica das condições do ambiente e da sociedade. A visão de Paulo Freire (1970) sugere que o conhecimento ensinado na escola deve se relacionar com a realidade que os estudantes vivem, considerando seu passado, suas tradições, seus desafios e suas possibilidades.

Diante desse contexto, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2024–2027) escolheu uma série de livros de Geografia para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Embora o PNLD tenha progredido na avaliação de critérios como acessibilidade, clareza do texto e alinhamento com as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ainda é necessário investigar com mais profundidade como esses materiais abordam temas regionais, como o Semiárido (Silva; Costa; Silva, 2022; Silva; Oliveira Filho; Cavalcante, 2023).

A literatura especializada de Silva, Santos (2018) mostra que, muitas vezes, os livros didáticos não refletem as realidades vividas pelos alunos, reforçando generalizações e ignorando práticas locais, como o manejo da água, a agricultura familiar com irrigação, o uso de tecnologias sociais, a religiosidade, a organização comunitária e as memórias territoriais ligadas às enchentes do lago de Itaparica.

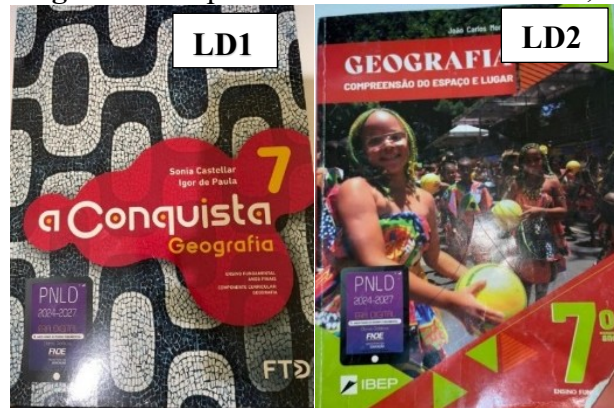
Surge a seguinte questão de pesquisa: como os livros didáticos de Geografia do 7º ano das coleções FTD e IBEP (PNLD 2024–2027), utilizados nas escolas públicas de Petrolândia (PE), apresentam, mostram e contextualizam o Semiárido às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada, considerando seus aspectos físicos, socioeconômicos, culturais e pedagógicos?

A importância dessa pesquisa está baseada em três pontos principais. Primeiro, pela necessidade de fortalecer práticas pedagógicas que ajudem os estudantes a formarem-se como cidadãos e como pessoas que entendem melhor o território onde vivem, permitindo que compreendam as relações entre sociedade, natureza e cultura no seu espaço. Segundo, pela importância de avaliar o papel dos livros didáticos como ferramentas de ensino, especialmente nas escolas públicas das regiões mais interiores, onde geralmente são a base principal para planejar as aulas. E terceiro, pela contribuição que esse estudo oferece ao campo da educação contextualizada, ao fornecer uma análise organizada e fundamentada sobre como o Semiárido é representado nos materiais didáticos utilizados em todo o país.

Diante dessas questões, este estudo tem como objetivo principal: analisar de que maneira os livros didáticos de Geografia das coleções FTD e IBEP do 7º ano (PNLD 2024–2027), como mostra a figura 2

abaixo, utilizados em duas escolas públicas de Petrolândia (PE), tratam o território Semiárido e se envolvem com conteúdos relacionados às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada (PE), identificando as consequências dessa abordagem para o ensino.

Figura 2 – Capa dos LD1 e LD2 analisados, 2025



Fonte: Coleções PNLD 2024-2027 da FTD e IBEP

Para atingir esse objetivo, serão desenvolvidos os seguintes objetivos secundários: reconhecer e classificar como o livro apresenta aspectos físicos, socioeconômicos e culturais do Semiárido; analisar as propostas pedagógicas do material, especialmente as atividades de investigação, análises territoriais e prática de campo; avaliar a capacidade do livro para ajudar na convivência com o Semiárido; e sugerir recomendações para professores, autores e editores, com o intuito de melhorar a contextualização no ensino de Geografia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na área de Geografia, o território é visto como algo criado ao longo do tempo, influenciado por fatores econômicos, políticos, culturais e simbólicos (Santos, 1996; Raffestin, 1993). Portanto, ensinar Geografia no Semiárido brasileiro, especialmente na microrregião de Itaparica, que é marcada pela construção da Transposição do Rio São Francisco, pela presença dos povos indígenas Truká, Pankará e Pankararu Entre Serras, Pipipã, Atikum, e pelas mudanças causadas pela construção da usina hidrelétrica da antiga Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), hoje, a atual Axia Energia, exige que os materiais didáticos abordem essas particularidades.

No âmbito internacional, há um consenso de que os livros didáticos devem mostrar o território e a vida dos estudantes. A UNESCO (2016) afirma que a dimensão local é importante para a educação para o desenvolvimento sustentável, pois currículos sem conexão com a realidade geram distância no ensino. Autores como Goodson (2007) e Apple (2019) também mostram que os currículos e livros didáticos são locais de luta simbólica, onde certos grupos têm suas histórias valorizadas e outros ficam de fora. Essa crítica internacional é útil para entender a situação no Brasil. A região do Semiárido, que tem mais de 31 milhões de habitantes (SUDENE, 2024), ainda é frequentemente descrita por estereótipos como "atraso", "pobreza" ou "deserto", segundo Silva (2019) e Araújo (2013).

No cenário nacional, a ideia de Educação Contextualizada para a convivência com o Semiárido, desenvolvida por grupos como ASA, IRPAA, Rede Ares e diversos pesquisadores, tornou-se uma referência para repensar a educação alinhada ao território (Malvezzi, 2007; Arroyo, 2011; Santos e Barbosa, 2019).

A abordagem da Educação contextualizada critica os modelos educacionais que reproduzem uma visão única do Brasil e defende que o Semiárido não deve ser visto como um problema ambiental, mas como um espaço com saberes, tecnologias sociais e modos de vida historicamente construídos (Silva; Silva, 2020; Silva; Sousa, 2017). Autores importantes, como Freire (1979; 1996), alertavam que uma educação descontextualizada e desvinculada da realidade das pessoas as transforma em meros receptáculos de conteúdo.

Os estudos sobre livros didáticos no Brasil revelam tensões semelhantes. Para Freitag; Costa; Motta (1991), o livro didático sempre refletiu valores hegemônicos e, por isso, tem papel central na formação de imaginários sobre o território nacional. Mais recentemente, pesquisas de Castrogiovanni (2014; 2019) e Vesentini (2018) demonstram que, embora o PNLD tenha avançado em critérios técnicos e pedagógicos, ainda persiste a reprodução de visões simplificadas da realidade brasileira, especialmente no que diz respeito às regiões historicamente marginalizadas, como Amazônia, Pantanal e Semiárido (Silva; Viana; Silva, 2023; Soares; Silva; Costa, 2020).

No que diz respeito a regiões específicas e locais, pesquisas sobre o Semiárido pernambucano mostram processos que quase nunca aparecem nos livros didáticos nacionais às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada, por exemplo, tem histórias únicas e pouco explorada nos materiais oficiais, como migrações forçadas devido a construção da barragem Luiz Gonzaga (Jatobá/PE), mudanças nas dimensões do rio São Francisco e novas formas de produção com irrigação. Esses autores

destacam que o Semiárido de Pernambuco é diferente do Cariri, do sertão cearense e do sertão baiano, e que cada região tem suas particularidades. Porém, a falta de reconhecimento dessas diferenças nos livros didáticos contribui para a ideia de um Semiárido Genérico, que não se conecta com a realidade dos estudantes de áreas como a de Petrolândia, sertão de Pernambuco.

Além disso, pesquisas em escolas públicas da região mostram que professores têm dificuldades ao ensinar sobre o Semiárido quando os materiais didáticos não oferecem apoio adequado (Souza; Lima, 2021). Esses materiais tendem a focar apenas em aspectos climáticos, como secas e escassez, e ignoram práticas culturais, econômicas e de território que formam a identidade local. Essa limitação impede que a escola ajude a formar laços com o território, fundamental para a formação de uma consciência cidadã e crítica (Castellar; Cavalcanti, 2012).

Do ponto de vista dos conhecimentos, os livros didáticos de Geografia devem unir as dimensões física, econômica, política e cultural, evitando simplificações. A BNCC reforça esse ponto ao dizer que o ensino de Geografia, precisa promover a compreensão das relações entre natureza e sociedade, dos conflitos ambientais e a leitura crítica do território (Brasil, 2018). No entanto, pesquisas revelam que o Semiárido ainda é mostrado como um lugar árido e igual, reforçando visões estigmatizantes que foram construídas desde o tempo de Euclides da Cunha (1902), cuja narrativas sobre o sertão influenciou muito na elaboração desses materiais didáticos.

Ab'Saber (2003) acredita que o Semiárido é um lugar com muita diversidade de vida, contendo o bioma caatinga, que tem interações ecológicas complexas. Quando os livros didáticos não mostram essas características, eles reforçam a ideia de um Vazio Ecológico, que contradiz o que a ciência mostra hoje, por isso, a literatura aponta um desafio.

Em relação ao PNLD 2024–2027, vários escritores destacam tanto melhorias quanto limitações. Há mais conteúdo sobre temas socioambientais e educação sustentável; porém, a diversidade territorial do Brasil ainda não é totalmente abordada (Rodrigues, 2022). Analisar o livro usado nas escolas públicas municipais e estaduais de Petrolândia (PE) é muito importante para entender se essa coleção quebra ou reafirma padrões antigos de como o Semiárido é representado.

Segundo Arroyo (2004), a escola é um espaço onde as pessoas aprendem a reconhecer ou a se negar. Assim, quando o livro didático não mostra o território onde o aluno vive, ele também deixa de reconhecer essa realidade. Por isso, descobrir se o Semiárido da região analisada aparece ou não no material analisado, é essencial tanto para avaliar o livro quanto para pensar sobre como ensinar de forma

contextualizada. Dessa forma, essa revisão mostra que como o Semiárido é refletida nos livros didáticos não é um detalhe, mas uma disputa educacional que envolve conhecimento, políticas e identidade do território.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A presente pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo que se baseia na análise de documentos oficiais, com o objetivo de entender como o Semiárido é mostrado nos livros didáticos de Geografia usado no 7º ano do Ensino Fundamental em duas escolas pública de Petrolândia-PE, dentro das coleções do PNLD 2024–2027.

Escolher esse tipo de pesquisa se deve ao fato de que os livros didáticos são criações socioculturais que refletem maneiras de ver o mundo, interpretações de territórios e disputas simbólicas. Nos últimos anos, diversos autores brasileiros têm trabalhado para desenvolver e ampliar o uso de pesquisas qualitativas na educação. Segundo Gatti (2021), a pesquisa qualitativa ajuda a entender fenômenos educacionais de forma mais completa, analisando os significados, práticas e sentidos criados no contexto escolar.

Minayo (2020) também aponta que é importante usar esse tipo de pesquisa quando o foco está em aspectos simbólicos, discursivos e culturais, como os encontrados nos materiais educacionais. Por isso, a escolha dessa abordagem é coerente para interpretar criticamente como o Semiárido e o território de Itaparica são representados no livro analisado.

No ensino de Geografia, o livro didático é visto como um material que carrega ideias e intenções políticas, já que apresenta formas de mostrar os territórios que podem tanto reforçar quanto desafiar estereótipos (Vesentini, 2018). Além disso, considerando que o livro didático é central na prática pedagógica das escolas públicas brasileiras (Castrogiovanni, 2019), sua análise justifica-se como uma forma eficaz de avaliar se ele contribui para uma educação mais contextualizada.

A coleta de dados foi feita lendo todo o conteúdo dentro de um capítulo específico com a sua abordagem voltada para a Região Nordeste da obra, identificando, escolhendo e registrando partes, imagens, mapas, questionários e quadros conceituais que estavam relacionados:

- I. ao Semiárido brasileiro;
- II. à Região Nordeste;

- III. à Caatinga e suas características ambientais;
- IV. às relações entre clima, sociedade e território;
- V. às representações socioambientais da região semiárida específica;
- VI. às atividades econômicas da região;
- VII. aos conteúdos que ajudam ou dificultam a prática da educação contextualizada.

Todos esses elementos foram organizados em fichas temáticas, o que permitiu categorizar o material inicialmente. As categorias de análise foram construídas com base na literatura da área, seguindo referências como: Educação contextualizada para a convivência com o semiárido brasileiro (Malvezzi, 2007; Arroyo, 2011; Asa, 2014); Representação e leitura crítica do território (Santos, 1996; Raffestin, 1993; Cavalcanti, 2014); Território e identidade (Arroyo, 2004; Haesbaert, 2011); Livro didático como objeto político e pedagógico (Vesentini, 2018; Freitag et al., 1991); BNCC (2018) e as orientações do PNLD 2024–2027. Com base nessa fundamentação, foram definidas três categorias de análise principais, como mostra o quadro 1 a seguir:

Quadro 1 - Categorias analíticas principais, 2025

Representação do Semiárido	Busca verificar se o livro apresenta a região com profundidade científica, valorizando sua biodiversidade, sua pluralidade territorial e suas especificidades socioculturais, ou se reproduz imagens de homogeneidade, pobreza e seca como elementos centrais.
Territorialidades da Microrregião de Itaparica e do entorno do Rio São Francisco	Analisa se há menções ou aproximações com o território vivido pelos estudantes de Petrolândia-PE e municípios vizinhos, incluindo transformações ligadas à barragem, reassentamentos, povos tradicionais, irrigação, pesca e dinâmica ecológica da Caatinga.
Potencial de educação contextualizada	Avalia se os conteúdos, atividades e propostas pedagógicas estabelecem diálogo com as realidades do Semiárido, conforme orientam a BNCC, o PNLD e os estudos da educação contextualizada.

Fonte: Elaboração dos autores, 2025.

Após a categorização, foi feita uma análise interpretativa com base na técnica de análise de conteúdo, conforme sugerida por Bardin (2011). Essa técnica ajuda a identificar os significados, repetições, ausências, lacunas e contradições presentes no discurso textual e visual do livro. Esse procedimento permitiu compreender não só se o Semiárido está presente no conteúdo, mas também como ele é mostrado e que consequências isso pode ter para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Para garantir rigor metodológico, o processo contou com a triangulação com:

- a) documentos oficiais, como o BNCC e o Guia do PNLD 2024–2027;
- b) literatura científica atual;
- c) pesquisas locais sobre o território de Itaparica;
- d) contribuições de autores importantes da educação, Geografia e estudos sobre o Semiárido, tanto clássicos quanto contemporâneos.

A análise foi feita seguindo a recomendação de Santos (1996), que propõe olhar tanto para a totalidade quanto para as particularidades. Assim, o livro foi analisado tanto na perspectiva geral, sobre a representação do Semiárido no Brasil, quanto em seu relacionamento com o microterritório dos estudantes.

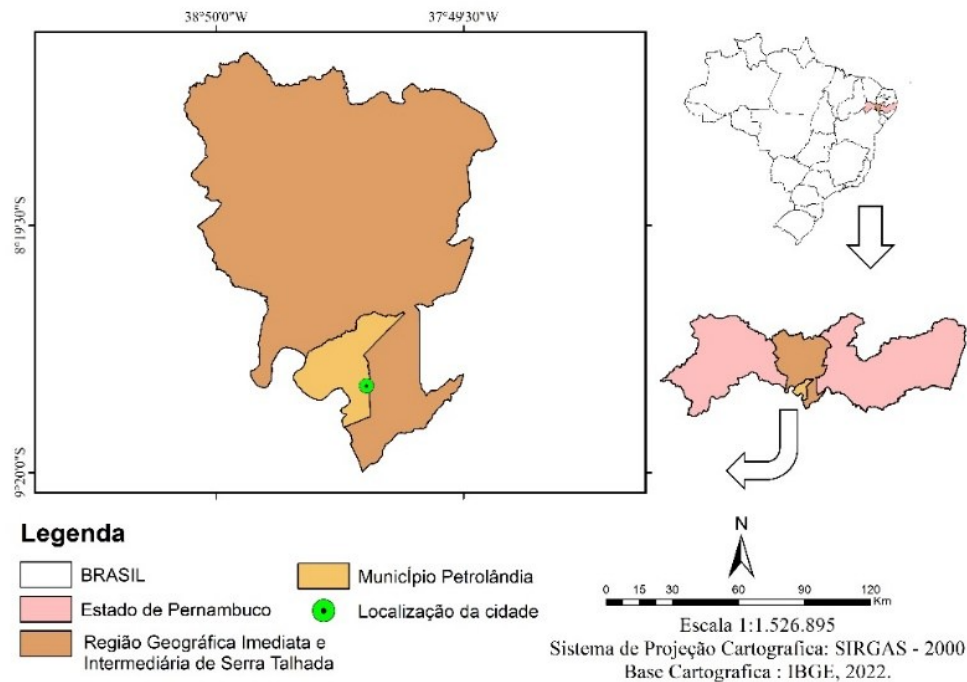
É importante destacar que essa pesquisa foi feita por um pesquisador-mestrando que também é educador ambiental na região, o que possibilita uma visão mais ligada ao território. Essa abordagem está alinhada com as epistemologias do Sul (Santos, 2010) e com a educação contextualizada, que considera o território como ponto de partida para a construção do conhecimento. Apesar disso, foi mantido um olhar analítico rigoroso, evitando vieses interpretativos e garantindo consistência metodológica.

CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

Esta pesquisa foi realizada no município de Petrolândia, Pernambuco, localizado na às Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada, no Nordeste brasileiro (Figura 4), com área territorial de 1.056,589 km² e coordenadas aproximadas de 8°58' S e 38°13' O, segundo dados geográficos oficiais, a população do último censo era de 34.161 habitantes (IBGE, 2022), distribuídos entre o núcleo urbano e os povoados rurais formados em decorrência do reassentamento causado pela construção da Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, que resultou na formação do Reservatório de Itaparica.

O clima predominante é o tropical semiárido, a vegetação é caracterizada por uma variedade de habitats e o abastecimento hídrico é bastante variável ao longo do ano, o que impacta diretamente a economia, a organização e o cotidiano escolar. A economia municipal inclui o comércio e os serviços na área urbana, bem como a agricultura e outras atividades rurais, como piscicultura, fruticultura e produção de coco, sendo todas oficialmente reconhecidas como parte do arranjo econômico local primário do município.

Figura 4 – Regiões Geográficas Intermediária e Imediata de Serra Talhada, 2025



Fonte: IBGE, 2017
Elaboração: Os autores, 2025

Para os fins deste estudo, foram escolhidas duas escolas com diferentes tipos administrativos e espaços (urbana e rural):

- I. Escola Municipal 07 de setembro** - Esta escola está localizada na área urbana e atende principalmente alunos dos bairros centrais e periférico da cidade, além de grande número de estudantes oriundos de agrovilas. Por estar localizada na área urbana, a escola está diariamente envolvida com as atividades econômicas de comércio, serviços, transporte e departamentos administrativos, todos comuns no centro municipal. A dinâmica urbana afeta diretamente o cotidiano dos alunos, que são mais densamente povoados e têm um maior grau de circulação, incluindo uma variedade de práticas culturais e sociais.
- II. Escola de Referência em Ensino Fundamental e Médio Icô-Mandantes** - Na zona rural, próxima às comunidades agrícolas que circundam o reservatório, a escola atende alunos de origem agrícola, pescadores, trabalhadores rurais, crianças e idosos que participam de atividades relacionadas à agricultura, bem como pequenos agricultores e

moradores de comunidades rurais. A economia local da região rural baseia-se principalmente na agricultura, sendo as principais formas de cultivo no país: o coco (maior produtor nacional), banana, manga, melão, piscicultura e agricultura tradicional.

A comparação entre esses dois locais parte do pressuposto de que o território é resultado de interações sociais, políticas e culturais (Santos, 1996; Raffestin, 1993) e que a educação em uma região semiárida deve levar em consideração as características históricas, ambientais e econômicas dos alunos (Arroyo, 2011; Malvezzi, 2007).

Quadro 2 - Descrições dos livros didáticos de Geografia do 7º ano que serviram de base para análise, 2025

Código	Autores	Nome do Livro	Editora	Edição	Cidade-Ano
--------	---------	---------------	---------	--------	------------

LD1	Sonia M ^a . V. Castellar; Igor R. de Paula.	A Conquista Geografia	FTD	1 ^a	São Paulo-2022
LD2	João Carlos Moreira	GEOGRAFIA Compreensão do Espaço e Lugar	IBEP	1 ^a	São Paulo-2022

Fonte: Coleções PNLD 2024-2027 da FTD e IBEP

Elaboração: Os autores, 2025

Consequentemente, a composição geográfica, econômica e sociocultural da área de estudo, justifica a necessidade de investigar como os livros didáticos de Geografia do 7º ano (figura 2), de diferentes editoras, incorporam ou não elementos da natureza semiárida do território e as transformações que ocorrem em decorrência da criação do lago artificial de Itaparica, em consonância com a perspectiva de uma educação baseada na realidade local (Freire, 1979).

ANÁLISE CRÍTICA DAS OBRAS FTD E IBEP (PNLD 2024-2027)

As avaliações a seguir, foram feitas com base em cada indicador, usou-se a escala 0–3:

0 = ausente / inexistente;

1 = pouco presente / superficial;

2 = presente / adequado;

3 = presente e aprofundado / contextualizado.

Quadro 3 - Comparativa (indicadores principais), 2025

INDICADOR	LD1	LD2	OBSERVAÇÃO
Representação do Semiárido	1	3	LD1: reduzido a clima/bioma; LD2: trata convivência, tecnologias sociais (cisternas), irrigação.
Presença de cartografia multiescala.	1	2	LD1: apenas mapas nacionais/regionais; ausência de mapas locais. LD2: maior variedade temática (físico, seca, climograma), mas também sem mapas municipais.
Imagens e fotografias locais/atualizadas.	1	3	LD1: imagens litorâneas (Olinda/Recife); BLD2: fotos de Caatinga, cisternas, açude.
Articulação relevo-clima-vegetação.	1	3	LD2: mapa sem ilustrações explicativas; LD2: perfis topográficos, climogramas e explicações claras.
Tratamento histórico crítico da formação do povo brasileiro	1	1	Ambos reproduzem narrativas tradicionais; nenhum aprofunda violência/assimetrias históricas.
Representação da diversidade cultural interiorana.	1	2	LD1: foca capitais e festas litorâneas; LD2: menciona literatura regional, cultura sertaneja, mas ainda com lacunas.
Atualização de dados (Estatísticas/ano) .	1	2	LD1: pouca ou sem dados locais; LD2: traz dados demográficos e econômicos recentes (2020–2022)
Atividades pedagógicas contextualizadas.	1	2	LD1: atividades pouco orientadas ao local; LD2: traz propostas de investigação e questões para debate (ex.: transposição).
Referência a políticas e tecnologias de convivência.	0	3	LD1: ausente; LD2: discute cisternas, poços artesianos e outras tecnologias sociais.
Proveniência/formação dos autores (impacto potencial).	0	0	Ambos autores formados no Sudeste (SP), fator interpretativo para discussão do nordeste.

Fonte: Coleções PNLD 2024-2027 da FTD e IBEP

Elaboração: Os autores, 2025

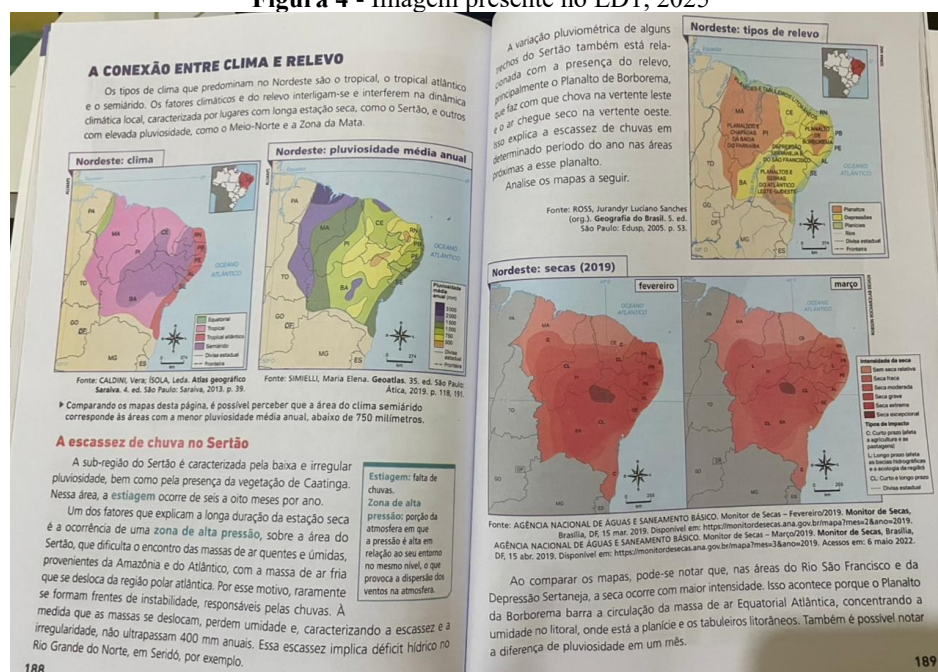
RESULTADOS E DISCRUSSÕES

Análise do conteúdo do semiárido nos livros didáticos

LD1 – A Conquista Geografia

Sobre os padrões analisados, inicialmente, observou-se que o LD1, de Castellar e Igor (2022) constrói uma representação do semiárido, como contraparte geográfica ou climática. Essa narrativa reforça tipicamente um padrão histórico de visibilidade que supervaloriza os grandes centros urbanos e reduz a região semiárida a simples menções, geralmente associadas ao clima ou a uma descrição física. Na figura 4, a baixo, é possível notar que os autores apresentam mapas da sub-região do Nordeste, mas sem mencionar claramente o semiárido.

Figura 4 - Imagem presente no LD1, 2025

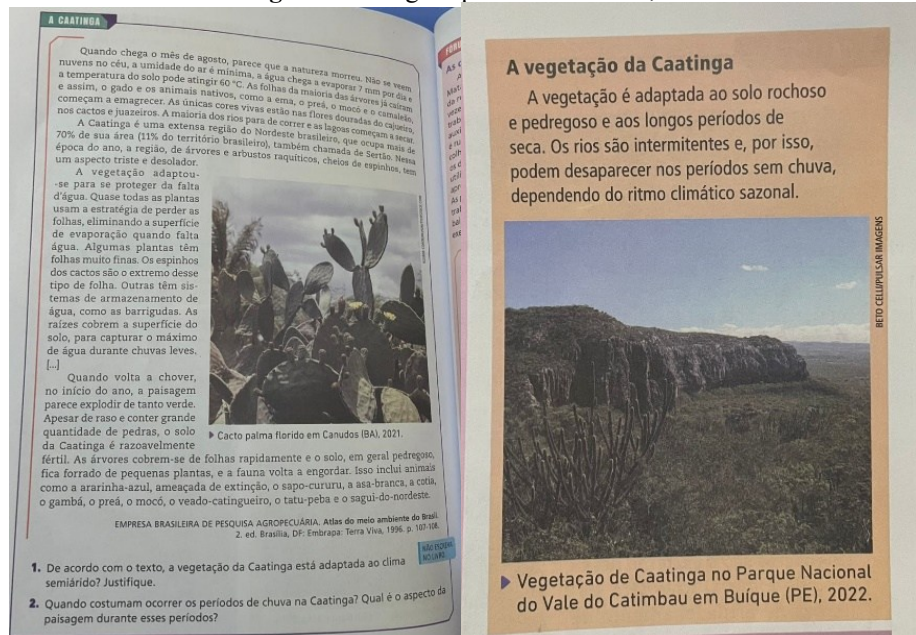


Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da FTD

O autor aborda a Caatinga (Figura 5) principalmente, do ponto de vista físico-natural, enfatizando o aspecto seco, aridez e "triste e desolado" da paisagem durante a estiagem, o que contribui para reproduzir uma visão negativa e naturalizada de Semiárido. Embora as adaptações da vegetação às condições climáticas sejam reconhecidas, elas são tratadas mais como respostas simples do que como estratégias evolutivas complexas, reforçando uma teoria dicotômica na qual a biomassa é valorizada no chuvoso, quando a paisagem se torna verdejante. Além disso, uma abordagem descontextualizada e determinista que ignora a Caatinga como um espaço de diversidade ecológica, cultural e de resistência resulta da falta

de articulação com os estilos de vida, o conhecimento local e as relações socioterritoriais da população semiárida.

Figura 5 - Imagens presentes no LD1, 2025



Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da FTD

Em termos culturais, o seminário nordestino é retratado principalmente como um lugar de celebrações tradicionais, religião popular e folclore, o que, embora reconheça a riqueza natural da região, tende a reforçar uma literatura “folclorizada” que raramente aborda as relações de poder, as injustiças sociais e as dinâmicas históricas que moldam essas. Na dimensão econômica, o foco recai sobre as práticas agrícolas, os sistemas de produção e a adaptação climática, enfatizando os aspectos técnicos e estratégicos da produção, enquanto ignora restrições socioeconômicas como a concentração de financiamento e a precarização.

Figura 6 - Imagens presentes no LD1, 2022

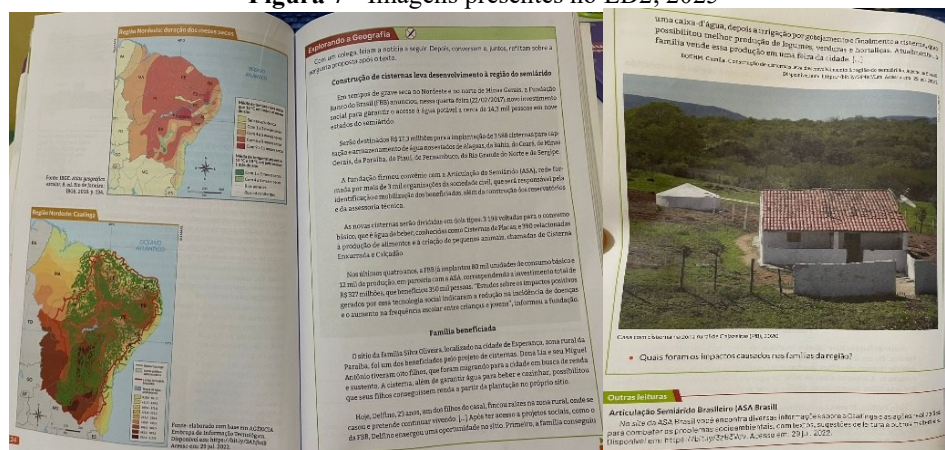


Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da FTD

LD2 – Geografia compreensão do espaço e lugar

Em contraste, ao LD1, João Carlos Moreira (2022) apresenta uma abordagem mais diversificada e complexa do território. O autor utiliza mapas temáticos que descrevem a duração dos meses secos, climogramas, mapas físicos, perfis topográficos e inúmeras imagens atuais da Caatinga que descrevem tanto a estação seca quanto a chuvosa. Além disso, sua pesquisa inclui informações fundamentais para a compreensão da vida na região semiárida, como as tecnologias sociais (cisternas de placa, açudes em Salgueiro/PE, poços artesianos), irrigação em Petrolina/PE, e debates sobre o projeto de transposição do Rio São Francisco, tudo com o objetivo de fomentar o pensamento crítico nos estudantes. Também se observou que o nível de articulação conceitual difere entre as obras. Moreira (2022) estabelece nexos claros entre relevo, clima, vegetação e práticas humanas, favorecendo uma compreensão sistêmica do Semiárido.

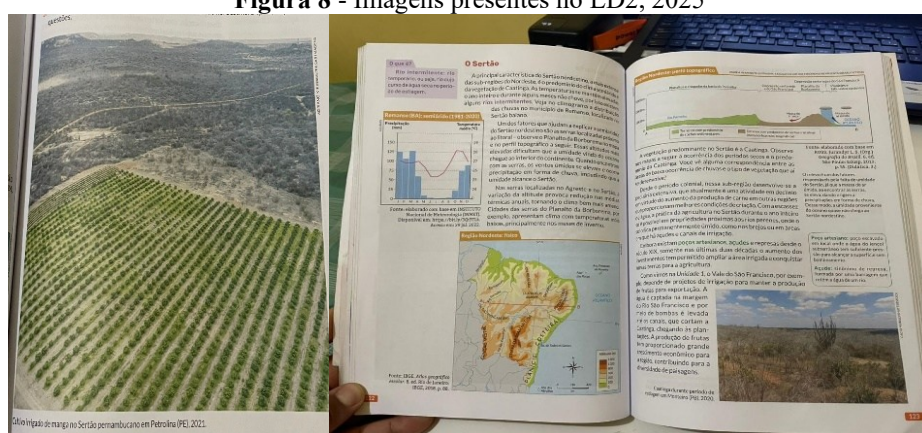
Figura 7 - Imagens presentes no LD2, 2025



Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da IBEP

Moreira apresenta uma análise contextualizada do Semiárido, da Caatinga e do Sertão, destacando não apenas as limitações climáticas, mas também as estratégias históricas e de convivência. Moreira (2022) ressaltar a importância dos poços artesanais e dos açudes como métodos essenciais de captação, armazenamento e acesso à água, enfatizando seu papel na mitigação dos efeitos do estio e na organização do espaço sertanejo. Essa parte do livro valoriza os projetos de irrigação de manga como componentes estruturais do desenvolvimento regional, responsáveis pela diversificação da produção, pela fruticultura voltada para a exportação e pela transformação da área da Caatinga, como é o caso do Vale do São Francisco, onde o uso da água possibilita alta produtividade, geração de empregos e dinamismo regional, superando a percepção de improdutividade do Sertão.

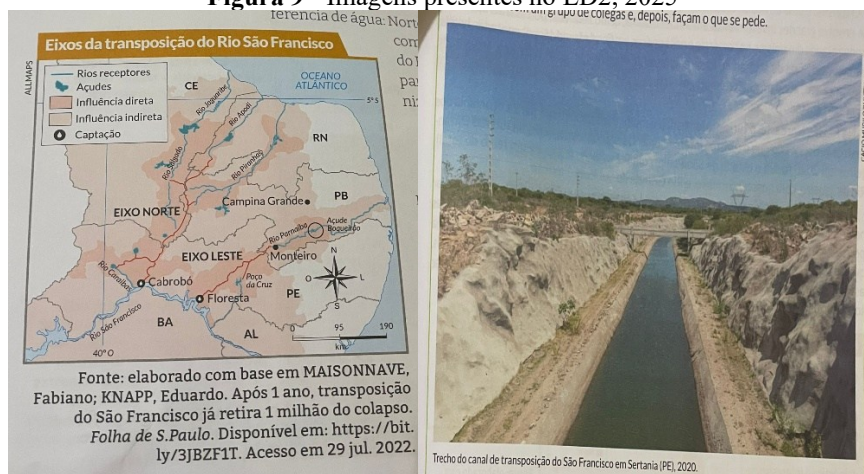
Figura 8 - Imagens presentes no LD2, 2025



Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da IBEP

O autor enfatiza a ligação entre a transposição do Rio São Francisco e o Semiárido ao mostrar o mapa dos eixos Norte e Leste, que mostra a área que o projeto abrange. No caso do Eixo Leste, o caminho apresentado no livro passa pelo município de Floresta (PE) que está na microrregião de Itaparica. Essa região é muito afetada pela seca, tem chuvas muito desiguais e depende muito de açudes e rios que só vêm ocasionalmente. Ao mostrar esse trajeto, o autor mostra como a transposição entra diretamente no Semiárido, mesmo sem fazer essa referência diretamente, sendo uma maneira de integrar a água para garantir o abastecimento, a segurança da água e ajudar nas atividades que produzem no local, especialmente a agricultura com rega. Isso também ajuda a reduzir os efeitos da seca e organizar melhor o território do sertão.

Figura 9 - Imagens presentes no LD2, 2025



Fonte: Coleção PNLD 2024-2027 da IBEP

Quanto às atividades pedagógicas, ambas as coleções trazem propostas de exercícios, porém com enfoques distintos: o LD1 privilegia atividades descritivas e classificatórias, enquanto o LD2 estimula debates, interpretação crítica de dados e análises comparativas, ampliando o potencial de mediação docente.

Por fim, identificaram-se silenciamento comuns às duas obras, como: a ausência de um tratamento mais profundo sobre os impactos sociais e históricos da colonização no Nordeste; pouca visibilidade às populações indígenas, comunidades quilombolas e povos tradicionais; e manutenção da ideia de “miscigenação” como sinônimo de convivência harmoniosa, sem problematizar conflitos estruturais. Esses silenciamento reforçam padrões já identificados na literatura crítica sobre livros didáticos.

As tendências apresentadas no LD1 de Castellar e Igor (2022) corroboram descobertas clássicas na literatura crítica, tal como afirmam Freitag (1989), Vesentini (2008) e Milton Santos (1996), que indicam a persistência de narrativas centradas em áreas costeiras, urbanas e economicamente mais significativas, negligenciando as regiões do interior e rurais. Por outro lado, a abordagem empregada no LD2 de Moreira (2022) assemelha-se mais às perspectivas defendidas por autores sobre Educação Contextualizada para a Coexistência com a Região Semiárida (Malvezzi, 2007; Aquino, 2013; Arroyo, 2017), especialmente quando considera tecnologias sociais, análise da paisagem e avaliação crítica de dados ambientais e econômicos.

IMPLICAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Os resultados deste estudo, sugerem a necessidade de uma abordagem pedagógica que vá além da utilização isolada dos livros analisados. Nas escolas de Petrolândia (PE), sugere-se que os professores, em especial, complementem o LD1 com materiais locais, o que compensará a falta de componentes territoriais. Esse conteúdo adicional pode vir de mapas municipais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entrevistas com moradores sobre o Lago Artificial de Itaparica, dados do Instituto Geográfico e Histórico de Petrolândia (IGHP) e fotografias da área e/ou da comunidade que circunda a escola, tudo com o intuito de fortalecer a associação entre conteúdo e realidade.

As investigações propostas no LD2 devem ser aproveitadas, como debates, análises de tabelas e estudos de caso, adaptando-as ao contexto local, por exemplo, por meio de projetos sobre convivência com a seca, tecnologias sociais como cisternas, aquicultura sustentável, barragens e agricultura irrigada. Dessa forma, ações como a produção de materiais multimodais (painéis, registros orais das memórias de reassentamentos, fotografias das agrovilas Icó-Mandantes, croquis e mapas afetivos) podem ampliar o repertório dos estudantes e reforçar a perspectiva territorialidade.

Para autores e editores de livros, sugere-se a inclusão de profissionais ou consultores locais, nativos da região, nas equipes de redação e colaboração. Isso levará a uma maior representatividade do território e a uma variedade de perspectivas. É crucial incluir mapas municipais, exemplos locais e exemplos práticos das regiões menores abordadas em cada área temática. Além disso, uma abordagem mais crítica da história da região, incluindo seções que discutam violência, exploração, escravidão, resistência e o papel das mulheres, dos povos indígenas, das comunidades quilombolas e de outras comunidades tradicionais na formação do Nordeste e da região Semiárida, será benéfica para as futuras gerações de jovens que sejam críticos e culturalmente engajados com as transformações de seu território.

No contexto das políticas públicas, especialmente no Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD), é importante que os critérios de seleção valorizem a presença de conteúdo contextualizado. Isso inclui exigir evidências como mapas sub-regionais, uso de fontes municipais, propostas de estudo de campo e recursos voltados ao território do aluno. Desse modo, consegue-se fortalecer o ensino de Geografia Crítica, alinhando-o às demandas da educação contextualizada e da convivência com o território semiárido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre os livros didáticos de Geografia do 7º ano, mostrou diferenças significativas na forma como o Nordeste e o Semiárido brasileiro são tratados. O primeiro livro mantém uma abordagem mais focada no litoral, com uma visão geral e pouco detalhada sobre a Caatinga e as questões socioambientais atuais. Já o segundo livro tem uma análise mais detalhada, conectando clima, relevo, vegetação e as práticas humanas, incluindo tecnologias sociais no Semiárido, mapas temáticos e exemplos de agricultura irrigada. Porém, mesmo o livro mais completo, não se isenta totalmente das limitações causadas pela falta de referências a escalas municipais e regionais.

De forma geral, os resultados mostram que os livros didáticos, mesmo sendo oferecidos pelo mercado editorial e validados pelo PNLD, ainda seguem uma lógica que homogeneiza o Semiárido, escondendo os territórios locais, os povos tradicionais e os processos históricos de violência e desigualdade. Faltam referências a elementos territoriais específicos, como assentamentos, dinâmicas ribeirinhas, formas de produção local e memórias socioambientais. Isso não só revela falhas na educação, mas também um problema estrutural na produção dos materiais didáticos, que continuam privilegiando narrativas gerais e pouco sensíveis à diversidade regional.

Nesse sentido, reforça-se a importância da educação contextualizada como princípio fundamental para ensinar Geografia no Semiárido. Os professores devem fazer uma transposição didática crítica, que vá além da simples utilização do livro, mobilizando fontes locais, saberes da comunidade, cartografias do território vivido e experiências pessoais dos alunos de Petrolândia (PE). Esse movimento não substitui o livro, mas o tensiona, reterritorializa o ensino e se enfrentando com a perda simbólica da territorialidade semiárida nos materiais didáticos oficiais.

Por fim, o estudo aponta a necessidade de revisão dos critérios editoriais e de avaliação do PNLD, para que a contextualização territorial deixe de ser um detalhe secundário e vire uma exigência principal. A pesquisa continuará como um esforço constante, ampliando a análise para outros livros do PNLD, diferentes editoras e escolas de outros estados do Semiárido brasileiro, como Bahia e Alagoas, por exemplo, reforçando um campo crítico de estudos sobre como o Semiárido é representado no ensino de Geografia.

AGRADECIMENTOS

Ao fomento do Programa de Bolsa de Pesquisa (PROGPESQ), para primeiro autor do Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) campus VIII, Paulo Afonso (BA).

REFERÊNCIAS

AB’SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Telma Gomes Ribeiro; SILVA, Fredson Pereira da; COSTA, Diógenes Félix da Silva. Domínio das caatingas representado por professores do ensino fundamental. **Revista de Geografia (Recife)**, v. 40, p. 99-115, 2023.

ALVES, Telma Gomes Ribeiro; SILVA, Fredson Pereira da; COSTA, Diógenes Félix da Silva. O ensino de geografia e a análise do conteúdo bioma caatinga nos livros didáticos do 7º ano. **Revista de Geografia**, v. 39, p. 121, 2022.

ANJOS, Rafael Silva dos; CANDEIAS, Ana Lúcia Bezerra; NÓBREGA, Ranyére Silva. Mapeamento da precipitação estimada e observada no Semiárido pernambucano e sua relação com a modelagem de dados espaciais. **Revista Brasileira de Cartografia**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 447–462, 2017. ISSN 1808-0936.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. **Nordeste, Nordestes: que Nordeste?** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ASA .ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO - ASA. **O Semiárido brasileiro: riquezas, diversidade e convivência**. Recife: Articulação Semiárido Brasileiro, 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História e livro didático**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Livros Didáticos – PNLD 2024**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2024**: Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas. Brasília, DF: MEC, 2022.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. **Plano de Ação Brasileiro de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca (PAB Brasil 2025–2045)**. Brasília, DF: MMA, 2025. Disponível em: <https://www.pabbrasil.ufpe.br/>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; PAULA, Igor Rafael de. **Geografia: espaço e vivência**. 7. ano. São Paulo: FTD, 2022.
- CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2019.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papirus, 2014.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1902.
- D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. **Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido brasileiro**. Juazeiro: IRPAA, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970
- FREITAG, Bárbara; COSTA, Wanderley Guilherme dos; MOTTA, Valéria Teixeira da. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1991.
- GATTI, Bernardete A. **Pesquisa em educação: fundamentos e métodos**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.
- GOODSON, Ivor F. **As políticas do currículo e da escolarização**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2020.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades - Petrolândia (PE). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/petrolandia.html>. Acesso em: 10 de dez. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Semiárido brasileiro**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/mapas-regionais/15974-semiarido-brasileiro.html>. Acesso em: 10 de dez. 2025.

KNAUSS, Paulo. Livro didático e cultura escolar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, 2007.

MALVEZZI, Roberto; MALVEZZI, Tania. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília, DF: CONFEA, 2007.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2020.

MOREIRA, João Carlos. **Geografia: compreensão do espaço e lugar**. 7. ano. São Paulo: IBEP, 2022.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço**. São Paulo: Contexto, 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 23. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, Marcos Antônio; CASTELLAR, Sônia Maria Vanzella; KAERCHER, Nestor André. **O livro didático de Geografia: considerações teóricas e práticas**. São Paulo: Contexto, 2011.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Educação ambiental e ensino de Geografia: desafios contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2022.

SANTOS, Edmilson Santos dos; BARBOSA, Maria do Socorro Silva. **Educação contextualizada e convivência com o Semiárido: práticas, saberes e territórios.** Salvador: EDUFBA, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Camila Castro e; SILVA, Fredson Pereira da. Uma abordagem sobre a importância da interdisciplinaridade no ensino da Educação Ambiental na escola. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 8, p. 57-67, 2020.

SILVA, Fredson Pereira da; OLIVEIRA FILHO, J. C. A.; CAVALCANTE, A. A. Flexibilização das leis da mineração: o saque e ataque aos povos originários. **Revista de Direito Ambiental**, v. 28, p. 247-274, 2023.

SILVA, Fredson Pereira da; SANTOS, Antonio Marcos dos. O Domínio das Caatingas trabalhado nos livros didáticos de geografia. Élisée - **Revista de Geografia da UEG**, v. 7, n. 02, p. 20-39, 31, 2018.

SILVA, Fredson Pereira da; VIANA, Ranniclebia Kelly Rodrigues; SILVA, Patrícia Barbosa da. Educação Ambiental e Resíduos Sólidos. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (Online)**, v. 18, p. 211-226, 2023.

SILVA, Fredson Pereira; SOUSA, Márcia Evangelista. Educação ambiental e turismo educacional na região da Chapada Diamantina - BA. **Interespaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 3, p. 304-316, 2017.

SILVA, Iolanda Cajuhy da; COSTA, Hilton Nobre da; SILVA, Fredson Pereira da. Educação ambiental: um estudo sobre as práticas metodológicas no ensino médio. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 1, p. 157-175, 2022.

SILVA, José de Souza. **O Semiárido brasileiro: construção histórica de estigmas e resistências.** Recife: Editora UFPE, 2019.

SILVA, José Graziano da; JACCOUD, Luciana; MAGALHÃES, Rosana. **O Semiárido brasileiro: sua história, características e potencialidades.** Brasília, DF: ASA Brasil, 2011.

SOARES, Daniely Guimarães, SILVA, Fredson Pereira da, COSTA, Hilton Nobre da. A importância da educação ambiental na escola: reciclar para preservar no Brasil. **Delos: Desarrollo Local Sostenible**, v. 13, p. 1-20, 2020.

SOUZA, Maria José de. **Educação contextualizada para a convivência com o Semiárido.** Recife: ASA Brasil, 2010.

SUDENE – SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. **Delimitação do Semiárido brasileiro.** Recife: SUDENE, 2023.

UNESCO. **Educação para o desenvolvimento sustentável: objetivos de aprendizagem.** Brasília: UNESCO, 2016.

VESENTINI, José William. **Para uma Geografia crítica na escola.** 5. ed. São Paulo: Contexto, 2018.